A evolução da conjuntura

Por **ARMANDO BOITO***

No momento atual é a conciliação que parece prevalecer.

Até o final do mês de maio deste ano, havia pelo menos três tipos de análise da conjuntura política brasileira. Agora, no final do mês de junho, seria instrutivo retomarmos aquelas análises e verificarmos como a conjuntura evoluiu.

A primeira delas, com a qual eu concordava, afirmava que o Governo Bolsonaro estava mais forte que a oposição e dirigia uma ação ofensiva contra a democracia. Contava com o apoio das Forças Armadas, apoio sempre essencial e mormente na situação de recolhimento criada pela epidemia, e enfrentava uma oposição, dirigida pelo campo liberal conservador, que era hesitante e tímida.

A outra análise era aquela que invertia a análise anterior. Sustentava que o Governo Bolsonaro estava se enfraquecendo cada vez mais, que a oposição crescia e encurralava o governo graças à ação do STF e do TSE. Garantiam, ainda, que as FFAA não se aventurariam a dar ou emprestar o seu apoio a um golpe de Estado e que, inclusive, a situação internacional inviabilizaria esse tipo de ação.

A terceira posição mesclava as duas anteriores. No meu modo de ver o economista Luiz Filgueiras, em *live* em evento da Universidade Federal da Bahia, e o jornalista Luiz Nassif no *jornal GGN* eram representativos desse enfoque. De um lado, Bolsonaro estaria cada vez mais isolado. Nassif apresentava mais de uma vez ao longo do texto esta ideia: "O governo Bolsonaro agoniza. Fica cada vez mais claro que o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) está disposto a interromper a destruição do país". Mais à frente, sustenta: "Todos os sinais indicam que a atual geração das Forças Armadas é imune a aventuras golpistas". Porém, de outro lado e ao mesmo tempo, Nassif e Filgueiras sustentavam que Bolsonaro reagia ao isolamento político do seu governo partindo para a ofensiva e ameaçando a democracia. Ou seja, ele estaria tentando um tipo de ação para o qual não disporia de força política suficiente. Teria avaliado mal a correlação de forças e, tudo indica, iria quebrar a cara.

Penso que a conjuntura está, na sua etapa atual, neste final do mês de junho e depois da prisão de Fabrício Queiroz, indicando que caminhamos para uma solução conciliadora entre os de cima. E o pior é que tal solução conciliadora logrou atrair partidos e dirigentes do campo democrático.

De um lado, o grupo militar e o grupo neofascista no governo abdicam, pelo menos por ora, às suas pretensões autoritárias e, de outro lado, o campo liberal conservador assume o compromisso de garantir o mandato de Jair M. Bolsonaro até 2022. A decisão do PSDB de barrar o impeachment, as conversações entre STF e Executivo e a manifestação virtual do movimento *Juntos* no dia 26 de junho apontam nessa direção. Claro que, o agravamento da crise econômica e sanitária poderá inviabilizar esse acordo e isso, principalmente, se os debaixo ingressarem na disputa política. Porém, no momento atual é a conciliação que parece prevalecer.

Se essa avaliação estiver correta, penso que o desenrolar da conjuntura nas últimas semanas indicou que havia um equilíbrio de forças entre o campo que almeja o fechamento do regime e o campo que pretende impedir tal fechamento. Vamos qualificar esse equilíbrio de forças. Primeiro, é um equilíbrio de forças neste momento e sobre esse ponto específico: o regime político – ditadura ou democracia?

No que tange à política econômica, social e externa do Estado brasileiro prevalece, apesar de conflitos menores, a unidade entre o Governo Bolsonaro e a oposição burguesa liberal. Segundo, como me alertou um colega, tal equilíbrio pode ser

© 2025 A Terra é Redonda. Todos direitos reservados. ISSN 3085-7120.

considerado relativo: o Governo está mais forte, mas carece de força para avançar mais em direção ao fechamento do regime.

***Armando Boito** é professor titular de ciência política na Unicamp. Autor, entre outros livros, de *Estado, política e classes sociais* (Unesp).

A Terra é Redonda

© 2025 A Terra é Redonda. Todos direitos reservados. ISSN 3085-7120.